

Mensagem do Papa para o DIA MUNDIAL DOS POBRES

«Que este novo Dia Mundial se torne, pois, um forte apelo à nossa consciência crente, para ficarmos cada vez mais convictos de que partilhar com os pobres permite-nos compreender o Evangelho na sua verdade mais profunda. Os pobres não são um problema: são um recurso de que lançar mão para acolher e viver a essência do Evangelho». Papa Francisco



«Não amemos com palavras,
mas com obras»

1. «Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdade» (1 Jo 3, 18). Estas palavras do apóstolo João exprimem um imperativo de que nenhum cristão pode prescindir. A importância do mandamento de Jesus, transmitido pelo «discípulo amado» até aos nossos dias, aparece ainda mais acentuada ao contrapor as palavras vazias, que frequentemente se encontram na nossa boca, às obras concretas, as únicas capazes de medir verdadeiramente o que valemos. O amor não admite álbis: quem pretende amar como Jesus amou, deve assumir o seu exemplo, sobretudo quando somos chamados a amar os pobres. Aliás, é bem conhecida a forma de amar do Filho de Deus, e João recorda-a com clareza. Assenta sobre duas colunas mestras: o primeiro a amar foi Deus (cf. 1 Jo 4, 10.19); e amou dando-Se totalmente, incluindo a própria vida (cf. 1 Jo 3, 16).

Um amor assim não pode ficar sem resposta. Apesar de ser dado de maneira unilateral, isto é, sem pedir nada em troca, ele abrasa de tal forma o coração, que toda e qualquer pessoa se sente levada a retribuí-lo não obstante as suas limitações e pecados. Isto é possível, se a graça de Deus, a sua caridade misericordiosa, for acolhida no nosso coração a pontos de mover a nossa vontade e os nossos afetos para o amor ao próprio Deus e ao próximo. Deste modo a misericórdia, que brota por assim dizer do coração da Trindade, pode chegar a pôr em movimento a nossa vida e gerar compaixão e obras de misericórdia em prol dos irmãos e irmãs que se encontram em necessidade.

2. «Quando um pobre invoca o Senhor, Ele atende-o» (Sal 34/33, 7). A Igreja compreendeu, desde sempre, a importância de tal invocação. Possuímos um grande testemunho já nas primeiras páginas do Atos dos Apóstolos, quando Pedro pede para se escolher sete homens «cheios do Espírito e de sabedoria» (6, 3), que assumam o serviço de assistência aos pobres. Este é, sem dúvida, um dos primeiros sinais com que a comunidade cristã se apresentou no palco do mundo: o serviço aos mais pobres. Tudo isto foi possível, por ela ter compreendido que a vida dos discípulos de Jesus se devia exprimir numa fraternidade e numa solidariedade tais, que correspondesse ao ensinamento principal do Mestre que tinha proclamado os pobres bem-aventurados e herdeiros do Reino dos céus (cf. Mt 5, 3).

«Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (At 2, 45). Esta frase mostra, com clareza, como estava viva nos primeiros cristãos tal preocupação. O evangelista Lucas – o autor sagrado que deu mais espaço à misericórdia do que qualquer outro – não está a fazer retórica, quando descreve a prática da partilha na primeira comunidade. Antes pelo contrário, com a sua narração, pretende falar aos fiéis de todas as gerações (e, por conseguinte, também à nossa), procurando sustentá-los no seu testemunho e incentivá-los à ação concreta a favor dos mais necessitados. E o mesmo ensinamento é dado, com igual convicção, pelo apóstolo Tiago, usando expressões fortes e incisivas na sua Carta: «Ouvi, meus amados irmãos: porventura não escolheu Deus os pobres segundo o mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que O amam? Mas vós desonrais o pobre. Porventura não são os ricos que vos oprimem e vos arrastam aos tribunais? (...) De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé? Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: “Ide em paz, tratai de vos aquecer e matar a fome”, mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta» (2, 5-6.14-17).

3. Contudo, houve momentos em que os cristãos não escutaram profundamente este apelo, deixando-se contagiar pela mentalidade mundana. Mas o Espírito Santo não deixou de os chamar a manterem o olhar fixo no essencial. Com efeito, fez surgir homens e mulheres que, de vários modos, ofereceram a sua vida ao serviço dos pobres. Nestes dois mil anos, quantas páginas de história foram escritas por cristãos que, com toda a simplicidade e humildade, serviram os seus irmãos mais pobres, animados por uma generosa fantasia da caridade!

Dentre todos, destaca-se o exemplo de Francisco de Assis, que foi seguido por tantos outros homens e mulheres santos, ao longo dos séculos. Não se contentou com abraçar e dar esmola aos leprosos, mas decidiu ir a Gúbio para estar junto com eles. Ele mesmo identificou neste encontro a viragem da sua conversão: «Quando estava nos meus pecados, parecia-me deveras insuportável ver os leprosos. E o próprio Senhor levou-me para o meio deles e usei de misericórdia para com eles. E, ao afastar-me deles, aquilo que antes me parecia amargo converteu-se para mim em doçura da alma e do corpo» (Test 1-3: FF 110). Este testemunho mostra a força transformadora da caridade e o estilo de vida dos cristãos.

Não pensemos nos pobres apenas como destinatários duma boa obra de voluntariado, que se pratica uma vez por semana, ou, menos ainda, de gestos improvisados de boa vontade para pôr a consciência em paz. Estas experiências, embora válidas e úteis a fim de sensibilizar para as necessidades de tantos irmãos e para as injustiças que frequentemente são a sua causa, deveriam abrir a um verdadeiro encontro com os pobres e dar lugar a uma partilha que se torne estilo de vida. Na verdade, a oração, o caminho do discipulado e a conversão encontram, na caridade que se torna partilha, a prova da sua autenticidade evangélica. E deste modo de viver derivam alegria e serenidade de espírito, porque se toca palpavelmente a carne de Cristo. Se realmente queremos encontrar Cristo, é preciso que toquemos o seu corpo no corpo chagado dos pobres, como resposta à comunhão sacramental recebida na Eucaristia. O Corpo de Cristo, repartido na sagrada liturgia, deixa-se encontrar pela caridade partilhada no rosto e na pessoa dos irmãos e irmãs mais frágeis. Continuam a ressoar de grande atualidade estas palavras do santo bispo Crisóstomo: «Queres honrar o corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem O honres aqui no tempo com vestes de seda, enquanto lá fora O abandonas ao frio e à nudez» (Hom. in Matthaem, 50, 3: PG 58).

Portanto somos chamados a estender a mão aos pobres, a encontrá-los, fixá-los nos olhos, abraçá-los, para lhes fazer sentir o calor do amor que rompe o círculo da solidão. A sua mão estendida para nós é também um convite a sairmos das nossas certezas e comodidades e a reconhecermos o valor que a pobreza encerra em si mesma.

4. Não esqueçamos que, para os discípulos de Cristo, a pobreza é, antes de tudo, uma vocação a seguir Jesus pobre. É um caminhar atrás d'Ele e com Ele: um caminho que conduz à bem-aventurança do Reino dos céus (cf. Mt 5, 3; Lc 6, 20). Pobreza significa um coração humilde, que sabe acolher a sua condição de criatura limitada e pecadora, vencendo a tentação de onipotência que cria em nós a ilusão de ser imortal. A pobreza é uma atitude do coração que impede de conceber como objetivo de vida e condição para a felicidade o dinheiro, a carreira e o luxo. Mais, é a pobreza que cria as condições para assumir livremente as responsabilidades pessoais e sociais, não obstante as próprias limitações, confiando na proximidade de Deus e vivendo apoiados pela sua graça. Assim entendida, a pobreza é o metro que permite avaliar o uso correto dos bens materiais e também viver de modo não egoísta nem possessivo os laços e os afetos (cf. Catecismo da Igreja Católica, n.2545).

Assumamos, pois, o exemplo de São Francisco, testemunha da pobreza genuína. Ele, precisamente por ter os olhos fixos em Cristo, soube reconhecê-Lo e servi-Lo nos pobres. Por conseguinte, se desejamos dar o nosso contributo eficaz para a mudança da história, gerando verdadeiro desenvolvimento, é necessário escutar o grito dos pobres e comprometermo-nos a erguê-los do seu estado de marginalização. Ao mesmo tempo recordo, aos pobres que vivem nas nossas cidades e nas nossas comunidades, para não perderem o sentido da pobreza evangélica que trazem impresso na sua vida.

5. Sabemos a grande dificuldade que há, no mundo contemporâneo, para se poder identificar claramente a pobreza. E todavia esta interpela-nos todos os dias com os seus inúmeros rostos vincados pelo sofrimento, a marginalização, a opressão, a violência, as torturas e a prisão, pela guerra, a privação da liberdade e da dignidade, pela ignorância e o analfabetismo, pela emergência sanitária e a falta de trabalho, pelo tráfico de pessoas e a escravidão, pelo exílio e a miséria, pela migração forçada. A pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados para vis interesses, espezinhadados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro. Como é impiedoso e nunca completo o elenco que se é constrangido a elaborar à vista da pobreza, fruto da injustiça social, da miséria moral, da avidez de poucos e da indiferença generalizada!

Infelizmente, nos nossos dias, enquanto sobressai cada vez mais a riqueza descarada que se acumula nas mãos de poucos privilegiados, frequentemente acompanhada pela ilegalidade e a exploração ofensiva da dignidade humana, causa escândalo a extensão da pobreza a grandes sectores da sociedade no mundo inteiro. Perante este cenário, não se pode permanecer inerte e, menos ainda, resignado. À pobreza que inibe o espírito de iniciativa de tantos jovens, impedindo-os de encontrar um trabalho, à pobreza que anestesia o sentido de responsabilidade, induzindo a preferir a abdicação e a busca de favoritismos, à pobreza que envenena os poços da participação e restringe os espaços do profissionalismo, humilhando assim o mérito de quem trabalha e produz: a tudo isso é preciso responder com uma nova visão da vida e da sociedade.

Todos estes pobres – como gostava de dizer o Beato Paulo VI – pertencem à Igreja por «direito evangélico» (Discurso de abertura na II Sessão do Concílio Ecuménico Vaticano II, 29/IX/1963) e obrigam à opção fundamental por eles. Por isso, benditas as mãos que se abrem para acolher os pobres e socorrê-los: são mãos que levam esperança. Benditas as mãos que superam toda a barreira de cultura, religião e nacionalidade, derramando óleo de consolação nas chagas da humanidade. Benditas as mãos que se abrem sem pedir nada em troca, sem «se» nem «mas», nem «talvez»: são mãos que fazem descer sobre os irmãos a bênção de Deus.

6. No termo do Jubileu da Misericórdia, quis oferecer à Igreja o Dia Mundial dos Pobres, para que as comunidades cristãs se tornem, em todo o mundo, cada vez mais e melhor sinal concreto da caridade de Cristo pelos últimos e os mais carenciados. Quero que, aos outros Dias Mundiais instituídos pelos meus Antecessores e sendo já tradição na vida das nossas comunidades, se acrescente este, que completa o conjunto de tais Dias com um elemento requintadamente evangélico, isto é, a predileção de Jesus pelos pobres.

Convido a Igreja inteira e os homens e mulheres de boa vontade a fixar o olhar, neste dia, em todos aqueles que estendem as suas mãos invocando ajuda e pedindo a nossa solidariedade. São nossos irmãos e irmãs, criados e amados pelo único Pai celeste. Este Dia pretende estimular, em primeiro lugar, os crentes, para que reajam à cultura do descarte e do

desperdício, assumindo a cultura do encontro. Ao mesmo tempo, o convite é dirigido a todos, independentemente da sua pertença religiosa, para que se abram à partilha com os pobres em todas as formas de solidariedade, como sinal concreto de fraternidade. Deus criou o céu e a terra para todos; foram os homens que, infelizmente, ergueram fronteiras, muros e recintos, traindo o dom originário destinado à humanidade sem qualquer exclusão.

7. Desejo que, na semana anterior ao Dia Mundial dos Pobres – que este ano será no dia 19 de novembro, XXXIII domingo do Tempo Comum –, as comunidades cristãs se empenhem na criação de muitos momentos de encontro e amizade, de solidariedade e ajuda concreta. Poderão ainda convidar os pobres e os voluntários para participarem, juntos, na Eucaristia deste domingo, de modo que, no domingo seguinte, a celebração da Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo resulte ainda mais autêntica. Na verdade, a realeza de Cristo aparece em todo o seu significado precisamente no Gólgota, quando o Inocente, pregado na cruz, pobre, nu e privado de tudo, encarna e revela a plenitude do amor de Deus. O seu completo abandono ao Pai, ao mesmo tempo que exprime a sua pobreza total, torna evidente a força deste Amor, que O ressuscita para uma vida nova no dia de Páscoa.

Neste domingo, se viverem no nosso bairro pobres que buscam proteção e ajuda, aproximemo-nos deles: será um momento propício para encontrar o Deus que buscamos. Como ensina a Sagrada Escritura (cf. Gn 18, 3-5; Heb 13, 2), acolhamo-los como hóspedes privilegiados à nossa mesa; poderão ser mestres, que nos ajudam a viver de maneira mais coerente a fé. Com a sua confiança e a disponibilidade para aceitar ajuda, mostram-nos, de forma sóbria e muitas vezes feliz, como é decisivo vivermos do essencial e abandonarmos à providência do Pai.

8. Na base das múltiplas iniciativas concretas que se poderão realizar neste Dia, esteja sempre a oração. Não esqueçamos que o Pai Nosso é a oração dos pobres. De facto, o pedido do pão exprime o abandono a Deus nas necessidades primárias da nossa vida. Tudo o que Jesus nos ensinou com esta oração exprime e recolhe o grito de quem sofre pela precariedade da existência e a falta do necessário. Aos discípulos que Lhe pediam para os ensinar a rezar, Jesus respondeu com as palavras dos pobres que se dirigem ao único Pai, em quem todos se reconhecem como irmãos. O Pai Nosso é uma oração que se exprime no plural: o pão que se pede é «nosso», e isto implica partilha, participação e responsabilidade comum. Nesta oração, todos reconhecemos a exigência de superar qualquer forma de egoísmo, para termos acesso à alegria do acolhimento recíproco.

9. Aos irmãos bispos, aos sacerdotes, aos diáconos – que, por vocação, têm a missão de apoiar os pobres –, às pessoas consagradas, às associações, aos movimentos e ao vasto mundo do voluntariado, peço que se comprometam para que, com este Dia Mundial dos Pobres, se instaure uma tradição que seja contribuição concreta para a evangelização no mundo contemporâneo.

Que este novo Dia Mundial se torne, pois, um forte apelo à nossa consciência crente, para ficarmos cada vez mais convictos de que partilhar com os pobres permite-nos compreender o Evangelho na sua verdade mais profunda. Os pobres não são um problema: são um recurso de que lançar mão para acolher e viver a essência do Evangelho.

Vaticano, Memória de Santo António de Lisboa,

13 de junho de 2017.

Papa Francisco

a última bem-aventurança



“Infelizmente, o uso pastoral que a Igreja tem feito, tantas vezes, da morte, tem sido abusar do medo que todos temos de morrer, para, deste modo, obter a submissão das pessoas à normativa moral e sacramental que a lei eclesiástica impõe aos fiéis. Não há necessidade

de explicar isto. Todos nós o sofremos e suportamos”, escreve JOSÉ MARÍA CASTILLO, em artigo publicado por *Religión Digital*, 10.08.2017.

Na primeira semana de agosto, decorreu, na Itália, uma importante **semana de estudos bíblicos** sobre um tema que tem sempre enorme atualidade e que, no entanto, nem sempre é analisado com o devido cuidado. **Refiro-me ao tema da morte.**

Não a morte dos outros, sobretudo se são vítimas da violência ou da injustiça. Neste caso, o problema da morte é analisado como um problema social, político ou jurídico, o que, sem dúvida, **é uma das questões mais urgentes e mais graves** a enfrentar neste momento. Trata-se de um facto inquestionável.

Mas também é um facto que a **morte pessoal** – da qual ninguém escapa – constitui um tema que todos costumam enfrentar na sua intimidade secreta, mas no qual poucos pensam, partilhando o seu pensamento com outros, a não ser quando vão ao médico, para um problema sério, ou quando precisam de ir a um velório dar os pêsames pela morte de um parente ou de um amigo.

A semana a que me refiro – e na qual tive a sorte de participar – foi organizada pelo Centro de Estudos Bíblicos G. Vannucci, com sede em Montefano (Macerata), não muito longe de Ancona. Contou com uma significativa participação, com pessoas vindas de toda a Itália, desde a Sicília até Trieste ou Génova. Sinal indiscutível de que o problema da morte preocupa toda a gente. **Que disse eu, então, e o que diz a religião sobre este assunto?**

O fundador e diretor do Centro de Estudos Bíblicos de Montefano, Alberto Maggi, esteve, há pouco tempo, às portas da morte durante meses. Nele,

porém, a vida foi, e é, mais forte do que a morte. O belo livro *L'ultima beatitudine. La morte come pienezza di vita* (Garzanti, Milão), é fruto desta sua experiência única.

A partir deste livro – com a valiosa ajuda do professor do Marianum, de Roma, o espanhol (de Granada), Ricardo Pérez Márquez, que tivemos a sorte de ter como participante da semana de estudos e reflexões sobre a morte – pudemos pensar, a fundo, sobre o que foi e deve ser o facto de “ter de morrer”. E isto tanto na vida da Igreja como, sobretudo, na experiência de cada um dos fiéis na crença em Jesus, o Senhor.

Uma vez que me encontrava entre os participantes, a amizade que me une aos professores da Semana Bíblica, Alberto e Ricardo, colocou-me na grata obrigação de expor, brevemente, aos ouvintes, três temas relacionados com a morte: o pecado original, **o pecado pessoal e o inferno**.

Infelizmente, o uso pastoral que a Igreja tem feito, tantas vezes, da morte, **tem sido abusar do medo** que todos temos de morrer, para, deste modo, obter a **submissão das pessoas à normativa moral e sacramental** que a lei eclesial impõe aos fiéis. Não há necessidade de explicar isto. Todos nós o sofremos e suportamos.

Quando, na realidade, como bem disse Alberto Maggi, **a morte é “a plenitude da vida”**. Não é o final. Já temos a “vida eterna”, de que tanto fala o Novo Testamento, nesta vida, de acordo com a surpreendente e insistente afirmação do quarto Evangelho. A morte não pode ser o fim. **É a última e a maior de todas as “bem-aventuranças”** que a genial memória de Jesus nos deixou.

E vou resumir a minha modesta contribuição para a Semana:

- 1) **“Pecado original”**: não é **nenhum pecado**, e nem foi por semelhante pecado que a morte entrou no mundo (Rm 5, 12). A religião não pode transformar um mito - Adão e Eva - em história, e muito menos, ainda, em teologia.
- 2) **“Pecado pessoal”**: foi explicado como “culpa”, “mancha”, “ofensa” (Paul Ricoeur). Mas pode o ser humano, imanente, ofender o Transcendente? **“Só se agirmos contra o nosso próprio bem”** (Tomás de Aquino).
- 3) **“Inferno”**: **não existe**. Nem é definido como dogma de fé. Além disso, pode o absolutamente Bondoso ser, por sua vez, absolutamente e eternamente castigador, ou seja, sem outra possível finalidade do que fazer sofrer? Se cremos no Inferno, não podemos crer em Deus.

A morte dá que pensar. Para o crente, é uma fonte inesgotável de esperança e felicidade, já possuída e alcançada.

a Igreja do Papa Francisco

– Andamento, linhas e armadilhas



Subordinado a este título, o Movimento «*FRATERNITAS*» (constituído por padres casados e suas respectivas famílias) realizou, em 21 e 22 de Outubro, um encontro de formação, ocorrido na casa dos Redentoristas de Gaia.

Os trabalhos foram pontuados por intervenções de um teólogo, cujos contributos facultaram uma visão sistematizada da eclesiologia que tem norteado as linhas programáticas do magistério do Papa Francisco. Nos debates que se seguiram, os participantes consideraram que deveriam fazer repercutir muito mais nas suas atitudes pessoais o modo de ser Igreja proposto em tais linhas programáticas, reconhecendo ser premente a sua maior mobilização, no sentido de se entusiasmarem com aquilo que entusiasma o Papa Francisco. Alguns deram conta do que se passa nos meios em que vivem, testemunhando que há comunidades cristãs em Portugal, com iniciativas muito auspiciosas de abertura aos desafios do Papa, ao assumirem compromissos inovadores, em ordem à edificação de uma «Igreja em saída».

Os dados dessa reflexão deram também aos presentes uma ocasião para analisar o modo como está a ser vivido entre nós o dinamismo eclesial do nosso Papa. Apesar de considerarem que não há em Portugal grupos organizados que, de forma ostensiva, o contestem abertamente, concluíram que está a verificar-se, de maneira cada vez menos dissimulada, uma passiva resistência às suas orientações doutrinárias e pastorais. Não se vê em muitos sectores da Igreja, designadamente entre o clero, o entusiasmo que se esperaria, no sentido de se assumirem práticas pastorais consonantes com o esforço renovador do nosso Papa. Em virtude disso, os seus documentos programáticos, mormente «*Laudato Sí*», «*O Evangelho da Alegria*», «*A Alegria do Amor*», destinados a levar à prática novas atitudes de testemunho cristão, caem rapidamente no esquecimento ou têm uma divulgação pouco visível e duradoura. Pese embora haver claras excepções, que se devem assinalar, muitas publicações da Igreja estão a dar um lugar quase irrelevante às luminosas catequeses papais, contidas nas muitas e diversificadas intervenções, nomeadamente nas homilias proferidas em Santa Marta. Uma tal atitude contrasta com o caloroso acolhimento e entusiasmo que este Papa está a suscitar entre aqueles que se afastaram da Igreja, ou de quem a Igreja se afastou.

A esse propósito, os participantes no encontro mostraram a sua preocupação frente ao silêncio até agora mantido, diante dos ataques públicos de que está a ser alvo o Papa, numa cruzada que tem vindo a avolumar-se nos últimos tempos, de forma progressiva e, aparentemente, orquestrada. Torna-se estranho que os órgãos hierárquicos da Igreja não tenham ainda manifestado uma palavra pública de solidariedade com o Papa, face às acusações de heresia de que está a ser alvo. O *Movimento Fraternalitas* desejava muito que essa palavra fosse dada, designadamente pela Conferência Episcopal, pois, numa altura em que se avolumam ataques tão ruidosos ao papa Francisco, este silêncio está a lançar uma grande perplexidade entre muitos sectores do Povo de Deus, que esperam dos seus pastores sinais mais insofismáveis de comunhão com o Papa.

26 de Outubro de 2017